

**a domesticidade contada:
uma narrativa sonora do espaço**

essa publicação é material complementar ao podcast desenvolvido pelo grupo. para ouvir, acesse o qr code* abaixo:



*para escanear abra o aplicativo do spotify, vá em “busca”, clique no ícone da câmera e aponte o celular para o qr code

escola da cidade
estúdio vertical 2021 | grupo 23
orientação: César Shundi

adriana porto alegre
beatriz mendes
felippe samburgo
gabriela toral
luiza souza
luiz dos anjos

página 6

corpo humano

página 19

afeto

página 30

domar indivíduo - objeto

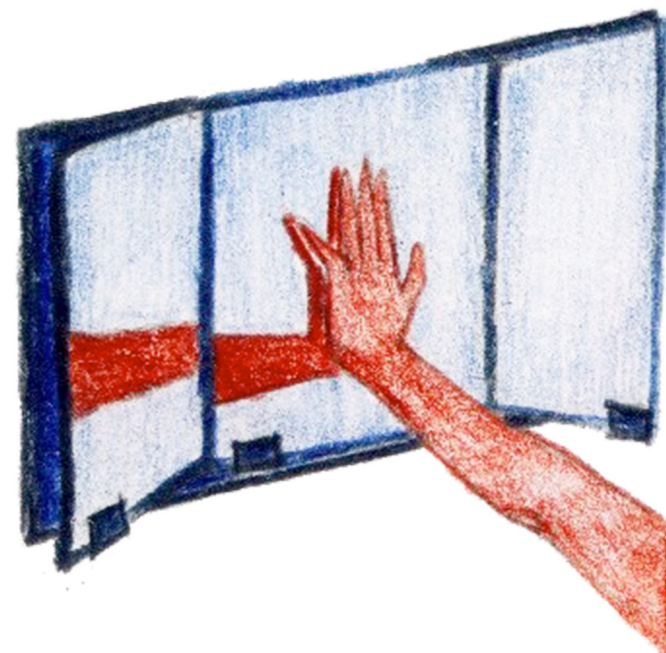
página 40

ambiente de transição

página 50

ambiente externo

corpo
humano



Finalmente amanhece e posso dar fim à inquietude que sentia na cama. Me arrasto para fora e tateio as paredes atrás da porta, claramente não foi uma boa noite de sono. A maçaneta está gelada, como em todas as manhãs.

Só me atrevo a acender a luz quando já estou no banheiro. Recosto-me na parede ao lado da porta para aguardar que meus olhos se acostumem com a claridade e, aos poucos, vou escorregando até bater minha bunda no assoalho. O espaço é pequeno para mim, minhas pernas são impedidas de serem esticadas pelo aparador que envolve a pia. Meus braços também não conseguem fazer muita coisa, a não ser ir para cima. As paredes e o chão são tão frios quanto a maçaneta. Preciso de coragem para levantar, mas não tenho.

Cinco minutos mais tarde, toco o armário em busca de apoio para me erguer. Já em pé, me olho no espelho, não vai ser fácil esconder a noite mal dormida. Ligo a torneira. Por que tudo é tão frio nesta época do ano? Quando a água toca meu rosto me sinto, por fim, despertada. Porém, não desperta o suficiente para me animar com o dia.

Retorno ao meu quarto pelo mesmo caminho que fiz para chegar ao banheiro e discuto comigo mesma os prós e contras de voltar para cama. Mesmo que eu não durma, a ideia de voltar para aquele emaranhado quente de cobertores me soa tentadora. Decido não voltar, ao contrário, a arrumo o mais rápido possível para não cair em tentação.

Agora é hora de abrir a janela e ver o que me espera. Não me surpreende o fato de o tempo não estar nada diferente das últimas duas semanas, um dia nublado, que provavelmente não vai passar dos 18°C.

Sei que é cedo quando acordo porque ainda não escutei passos do outro lado da porta. É um daqueles dias raros em que acordo minutos antes de meu alarme disparar na direção dos meus ouvidos. Aproveito esses segundos preciosos para abrir os olhos com calma e permitir que se acostumem com os feixes de luz que passam timidamente pelas frestas da veneziana. Depois, arqueio as costas e desenrolo os dedinhos do pé.

Ainda com os olhos entreabertos estico um dos braços em direção a estante atrás da minha cama para pegar o controle. Sinto os botões, e, logo identifico o terceiro. Tenho pouco tempo para chegar no banheiro antes que aquela luz toda inunde meu quarto de uma vez só. Com os dois pés no chão de madeira gelado sinto meu corpo despertar. Agarro meu celular, que deve tocar em poucos segundos e me movimento até meu banheiro de forma desajeitada e chutando a rodinha da cômoda que estava no caminho.

Lá dentro, encerro o despertador programado na noite anterior. O ritmo desacelera e aquelas pequenas paredes conformam um espaço acolhedor. Meus pés, agora em cima de um tapete fofo, permitem com que eu finalmente encontre meu equilíbrio. Meus olhos, que recebem somente a luz alaranjada do vidro leitoso acima do chuveiro, se acostumam com a claridade gentil. Meu corpo, antes tenso e encolhido na cama, relaxa e se aquece à medida que a água quente escorre nuca abaixo pela minha pele.

Logo me levanto - o dia precisa começar. Quando abro levemente a janela acima da minha cabeça sinto um rasgante fio de vento e ouço o barulho dos primeiros carros e pessoas na rua. E, saindo do meu retiro miúdo, me preparo para o dia que está por vir.

Chego aqui e me dispo dos outros e da rua. De mim mesma quando não aguento mais carregar essa fantasia, tiro tudo e me olho da cabeça aos pés. Apesar de estar quase sempre sozinha, sinto que estou em várias. O branco e o frio esperam a chegada do quente, do vapor e da fumaça. E eu espero também, com os pés fixos no chão diante da água caindo e os reflexos que via de mim por entre as paredes e espelhos reduzidos.

É tudo branco, não por escolha, o apartamento é alugado e não podemos mudar a composição de alguns cômodos. Mas se quisesse compreender esse espaço por completo, considerando que estou centrada, precisaria de duas pessoas de cada lado, uma na frente e outra atrás. Não seríamos mais refletidas, a troca de respiração encheria o espaço e preencheria as paredes antes que pudéssemos distinguir nós dos reflexos.

Esse ambiente não é único, é inerente a vida de um indivíduo urbano e suas vontades. E por isso está presente em quase todo espaço público ou privado. No entanto, a sensação de estar em casa conforma a esse espaço um sentimento de conforto e privacidade que só o ambiente doméstico pode proporcionar.

Esse lugar vive em função das mudanças de temperatura e sentidos, estou no banheiro.

Levanto da cadeira, ato que marca o encerramento das atividades do dia, e sinto a perna desgrudar do tecido. Hoje fez calor. O feixe de luz, que horas antes incidia diretamente no meu colo, agora colore a parede branca à minha frente com um tom alaranjado. Se tivesse mais espaço no quarto com certeza moveria a mesa de lugar, assim pouparia horas desse meu pega-pega com o sol, que insiste em esquentar minhas costas ou projetar seu reflexo em direção à tela do meu computador.

Abro a porta do meu guarda-roupa a fim de olhar-me de corpo todo no espelho comprido que reside fixado ali dentro. Checo o saldo do dia: cabelos amarrados o mais alto possível, a pele brilhante de suor e o shorts amarrotado, cheio de vincos, testemunha das horas que passei sentada. Decido que é a hora de um banho.

Desloco-me para fora do quarto, até sentir nos meus pés o contraste do piso laminado de madeira com o azulejo gelado. Deixo para trás tudo que vestia e ligo a água: ela deve ser quente. Não gosto dela fria, mesmo em dias como esse. Entro de cabeça, esquecendo que não era dia de lavar o cabelo. Quando piso fora do box de vidro, o vapor do meu pé deixa uma marca no chão. Com essa passagem rápida, retiro-me do banheiro, dando vez para o banho daqueles que moram comigo.

Retorno ao quarto e sinto, pela mesma fresta que antes soprava em mim um bafo quente, um vento ameno que anuncia finalmente a noite. Recosto meu corpo contra a cabeceira da cama, apoiada sob algumas almofadas, e olho o celular. Ele marca então o número de hoje: 126. Essa é a quantidade de passos que dei, nesse ir e vir de dois cômodos. Patético.

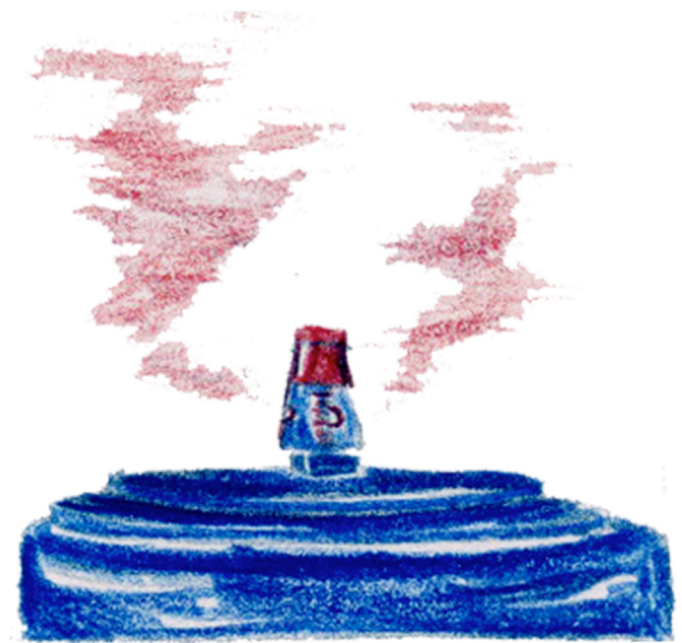
Dentre os espaços de vulnerabilidade domésticos – termo aqui compreendido quanto casa/lar – destaca-se, sem sombra de dúvidas, o banheiro. Assim como em um templo do Egito antigo, o ato de se aproximar do banheiro pessoal de alguém dentro de sua residência é, ou deveria ser, equiparável, em seletividade dos frequentadores e reverência para com o espaço, aos rituais de entrada na câmara divina. Digo isso não pela reverência sagrada daquele que lá habita, mas sim pela vulnerabilidade extrema dos que a frequentam.

No meu caso, esse pequeno espaço é um anexo ao meu quarto que, para manter a analogia, faz as vezes de hipostilo do pequeno templo que é o banheiro. Somente com as portas desses dois ambientes fechados, sinto-me à vontade para ficar nu; suficientemente resguardo do mundo exterior, apesar da janela de chão a teto com vidro jateado na parede voltada para a rua. Os azulejos, louças e pedras frias ao toque são familiares, reconfortantes, ainda que em determinadas estações se tornam algozes do meu corpo pelo frio cortante do contato com a pele exposta.

Assim como esse espaço volátil é induzido pela atmosfera, nele sou igualmente mercurial: ora Adão não caído, com toda a criatividade e coragem que a nudez inconsciente de si própria traz, ora hiper consciente de minha vulnerabilidade nesse estado desarmado, vendo risco em cada superfície úmida e escorregadia, cada canto escuro no fundo do vaso sanitário e cada defeito em meu reflexo no espelho, lembrando de toda sorte de história macabra passada em banheiros tão similares.

O banheiro doméstico é, portanto, um templo antropocêntrico. Local de culto à vulnerabilidade, ao corpo, ao humano em seu estado mais primordial, com toda força e horror dessa existência.

afeto



Há um pensamento e estudos de gostos e sabores que devem acompanhar outros.

Há acertos sobre as texturas que a compõem, pegamos os elementos e são todos dispostos sobre uma bancada, mesa ou tábua. E assim trituramos em pedaços geométricos, ou não. Pedaços de qualquer tamanho ou sentido. Se tem algo que me incomoda neste ritual, são os pedaços em tamanhos variados. Serão então todos iguais, assim mantenho o mesmo tempo e a preocupação não é singular. Essa seria a mesma justificativa caso perguntem quantos filhos desejo ter. Com os pedaços triturados geometricamente, esses são lançados em ordem de rigidez a um objeto metálico e frio. Mas no momento em que são lançados é bom que este objeto metálico esteja fervoroso e despenque lágrimas dos meus olhos. O choque entre o quente, o óleo que despejei antes e esqueci de incluir na minha narrativa, e os pedaços geometricamente cortados exalam um cheiro que por vezes, a sensação é quase como um orgasmo ou choque elétrico. Perpassa todo o corpo, para além do órgão que deu início à sensação e para, de repente, da mesma forma que começou. O cheiro não, o cheiro continua e vai se metamorfoseando a cada ingrediente adicionado.

Enquanto o objeto metálico e o tempo transformam o que adicionamos neles, montamos o espaço cerimonial. A disposição varia de acordo com os integrantes convidados, frequentemente não convidados, mas partilho dessa conduta social em que todos os que dividem o mesmo teto devem partilhar também das cerimônias lá oferecidas.

Dessa vez sobre uma mesa, de preferência, dispomos um pedaço de pano que provavelmente vem com alguma história por trás. Ou a avó trouxe de alguma viagem, foi

comprada em um lugar que a vendia mais barato do que você de fato pagaria por ela, era parte de um lençol ou tinha uma estampa feia mas que no conjunto, fica agradável. Isso depende de quem irá compor o ritual. Na minha casa fomos sempre em quatro e cada refeição é também um momento de junção, sentamos e levantamos todos juntos. Para além de uma reunião afetuosa, esse momento carrega certa rigidez nos conformes, tem uma hora para se chegar à mesa e um combinado não dito entre quem cozinhou e quem lavará.

No fim das contas, os passos e situações descritas nesses parágrafos são traços que perpassam gerações, aprendi a cozinhar e a comer observando minha mãe, que por sua vez aprendeu com minha avó. O ritual de se sentar à mesa no entorno de uma refeição é um ato cultural de carinho que levo adiante.

Hoje a mesa está disposta diferente. Coberta por uma fina camada de linho rendado, a mesa, hoje abriga as louças de madrepérola que saem da cristaleira somente nas ocasiões mais especiais. Acima da mesa um vaso largo de flores cria um foco colorido e seu cheiro emana pela sala graças à janela aberta logo atrás. O chão, de madeira, que normalmente range por raramente receber sol na sua superfícies hoje aparece reluzente diante da mesma.

Reflito, depois de ver tudo a postos, a formalidade dessa conformação. A mera existência de uma sala de jantar, adjunto a copa, pede isso e precisa disso - um local diferente, maior ornamentado que justifique tamanha produção.

Antes um espaço residual, ocupado por sacolas de pendências diárias, que servia para computar passos entre a cozinha e a sala de estar e dificultar o acesso à sala de televisão, aparenta ser agora um despertar sensorial.

Não seria, também, engraçado que no ambiente que escolhemos para celebrar datas afetivas estamos sentados de uma forma mais enrijecida e longe? Por que há a necessidade de enfeitar o espaço doméstico quando existe a ocasião - parece um desejo de ornamentar a própria vida da família.

Desde pequena ela cria expectativas muito grandes para a hora do jantar. Ela ainda não é grande, mas as expectativas crescem mais rápido do que ela. O que vai ser e a que horas vai ser são as principais inquietações.

O horário não varia quase nunca, mas ela faz questão de perguntar todos os dias e faz contagem regressiva de cinco em cinco minutos para ver se chega mais rápido. Como toda criança, a percepção do tempo é um pouco falha. Ela também não acerta quase nunca o que vai ter e ninguém faz questão de participar da brincadeira e ajudá-la a descobrir, então, ela tenta sozinha. Para falar a verdade, ela já aprimorou muito as habilidades de descobrir o jantar, mas ainda falta muito para alcançar a perfeição.

O chute é parte primordial desse jogo, ela grita algum alimento e olha ao redor em busca de aprovação. Tudo é percepção dos cheiros, o cheiro enquanto memória e lembranças, buscando na imaterialidade do aroma a memória.

Na mesma hora de sempre, a comida chega, diante de outros sentidos, ela sempre se surpreende com a cor, forma, volume, textura, brilho e, é claro, o cheiro que ela tentou, em um passado próximo, adivinhar.

Seu prato favorito sempre é o mais colorido. Como toda criança, ela ainda não aprendeu que o saudável nem sempre é o melhor, mas ninguém pretende contar a ela tão cedo. Assim, ela se anima com as cores e os vários tons que o verde pode ter. Recita todos em alto e bom som fazendo conexões nem sempre assertivas. Verde tipo folha depois de chuva com trovão foi como ela descreveu a couve na semana passada.

Sobre a mesa de jantar restam poucos pratos. Os pratos principais já foram servidos e retirados há muito, assim como os talheres pesados reservados para visitas usuais. Na mesa, agora, temos apenas o bolo de fubá com sementes de erva doce, a goiabada, o queijo, e outros quitutes diversos, todos feitos em casa por uma multidão de tias e primas. Nos levantamos e ajudamos a levar a louça e as sobras de volta para a cozinha, onde essas últimas serão divididas igualmente entre as quatro casas que formam a família e, principalmente, onde fica guardada a toalha macia de feltro verde escuro, essencial para a próxima etapa da noite. Levamos a toalha de volta para a sala de jantar e a estendemos sobre a mesa limpa, alguém vai até o buffet de jacarandá herdado de uma avó ou tia avó, abre a primeira gaveta da esquerda e retira uma caixa retangular pequena e rasa e a traz de volta para a mesa, abrindo-a e esparramando seu conteúdo sobre a superfície recoberta dando início à guerra. Aquelas cartas antigas, que só são usadas quando a família inteira se reúne, são distribuídas entre os que permaneceram na mesa ao invés de buscar divertimento mais pacífico em outro canto da casa e começamos os jogos. Essas batalhas amistosas vão prosseguindo ao longo da noite alimentadas pela cerveja amarga, cachaça ardida, e vinhos doces, de acordo com a preferência de cada um, com pequenas pausas para ir à cozinha resgatar algum tira gosto ou docinho que escapou da divisão criteriosa das tias. A conversa flui e as memórias são criadas sobre esse campo verde de batalha medieval com seus valetes, reis, rainhas e jokers, indo até as últimas horas da madrugada quando o céu já ameaça clarear. Em determinado momento todos, de comum acordo, se levantam, guardam as cartas

em sua caixa, que por sua vez é devolvida à gaveta de onde veio, as taças e copos são retirados da mesa, a toalha é dobrada e ambas vão parar em seus devidos lugares na cozinha. Após as despedidas nos retiramos para os respectivos quartos, plenamente conscientes não do placar dos jogos, mas sim de quem nos acompanhou através de mais uma madrugada.

Mesa posta pontualmente às 20h, sentamos uma do lado da outra. Sempre que vem nos visitar, ela escolhe criteriosamente o mesmo assento; talvez porque goste de observar o céu pela janela, ou porque quer ficar mais próxima da porta da cozinha e ser a primeira a sentir o cheiro das refeições, ou simplesmente pelo fato de que aquela cadeira range menos. Ela respeita, claro, a divisão silenciosa instaurada, que define quem é o dono legítimo de cada um dos lugares dispostos ao longo do extenso tampo de vidro. Sorte a minha que a posição escolhida por ela calhou de ser ao meu lado, pois caso contrário os jantares não teriam metade da graça que tem.

Consigno ainda escutar o chiado da chama acesa do fogão junto com o estalar de bolhas da água fervente. Os cheiros, ora fortes e desconcertantes, ora discretos e aveludados, já invadem a sala e passeiam em fila pelo ar e por mim. Faço questão de sentir todos, ainda que busque decifrar somente um. Hoje combinamos que eu experimentaria alcachofra (motivo que justifica então a visita). Como nunca presenciei seu preparo ou senti seu gosto - só vi de longe - não consigo elaborar comigo mesma nenhum palpite que diga se será adocicada, azeda ou amarga.

Os pratos finalmente pousam sobre a mesa, e ela me indica os utensílios e explica como vamos proceder. Imediatamente à frente de cada uma encontram-se os pratos brancos de porcelana, chanfrados no formato de um hexágono. Entre nós, está um pequeno bowl bege de cerâmica, ainda vazio e com um pedaço da borda faltando. Mais ao centro vejo a tigela de vidro, apoiada sob um círculo de palha, contendo os quatro pés de alcachofra, que ainda soltam fumaça por terem saído do

forno a menos de cinco minutos. Por fim, um pequeno recipiente de alumínio guarda o molho de limão que, só de olhar, faz a lateral da minha língua repuxar, como se já pudesse sentir seu gosto. Não temos talheres, comeremos com as mãos.

Ela então dá início a degustação, quase que como uma dança cuidadosamente ensaiada e repetida, onde cada ação, objeto e textura tem sua hora e lugar. Primeiro puxa-se uma das pétalas verde-arroxeadas, que mergulha depressa no molho. Do limão vai direto à boca, mas não se come inteira, somente a ponta, com o restante indo parar dentro no pote de cerâmica, que antes fora limpo. Observo e repito, mesmo que um pouco mais desengonçada que ela. Continuamos juntas nesse movimento, ora eu, ora ela, até que uma de nós puxa a última folha. Encerra-se o ato. Termino satisfeita e ansiosa pela próxima vez que minha avó vier nos visitar para comermos alcachofra.

domar
indivíduo-objeto



Cinco horas da manhã há o primeiro movimento. A luz é acesa para reforçar a parca luminosidade que vem do dia que ainda raia, a água do filtro branco vai para a chaleira prateada e essa vai para o fogo, sempre na maior das seis bocas do fogão para esquentar o mais rápido possível. O café já é esperado. Os habitantes da casa são chamados, um a um, para que desçam e tomem seus respectivos cafés da manhã, disposto como de costume, nos lugares de costume da sala de almoço. Juntos ou separados, todos devem desjejuar até as dez horas da manhã, afinal, a Casa tem seu ritmo e rotina que não podem ser desviados, sob risco de não serem completadas todas as tarefas regulares de seu funcionamento. Tirada a mesa o almoço começa a ser preparado em ritmo frenético, não por nenhum atraso, imagine, é apenas o ritmo imprimido pelo tempo alocado para o preparo dessa refeição que, se ultrapassado, afetaria irremediavelmente o ritmo e a rotina da Casa. Servido pontualmente às treze, a mesa deve estar livre novamente às quatorze e trinta. Almoços longos não são permitidos em dias úteis. Terminada a louça do almoço – cinco copos; quatro pratos rasos; quatro pratos fundos; quatro facas; quatro garfos; quatro xícaras de café; inúmeras panelas etc. – já se sucede novamente o frenesi do preparo da última refeição do dia, essa mais leve e rápida, afinal, o sol se põe em breve e ainda há muito a ser feito na Casa antes do fim do expediente. Feito o que tinha sido planejado – anos atrás, note – para o jantar de quinta-feira, a mesa é posta derradeiramente e a comida recém preparada vai para a geladeira, aguardando que os moradores desçam, sozinhos ou não, a qualquer momento para essa última refeição oficial. São cinco da tarde, a porta da cozinha para a lavanderia é trancada

por fora, seguida, do mesmo modo, pela porta ao final do corredor de serviços. As tarefas foram todas cumpridas, a Casa está dentro do cronograma.

A liberdade de movimento tem hora pra acabar. Conduzida por superfícies plásticas ou metálicas, a água chega à Casa, se desdobra por entre as paredes como uma toupeira cavando seu caminho na terra e fica à espera de condutas individuais para continuar seu percurso. Completa-se um circuito, que se encerra ao ficar represada à espera do outro.

A casa é uma passagem, e dá vazão a muitos encontros d'água, totalmente calculados sob a expertise humana de controle a coisas que são, em sua natureza, naturais. O carácter selvagem e forte se perde ao ser medida com uma xícara ou engarrafada e posta na geladeira. Nesse caso, ao ingerir o que estava na garrafa, a possibilidade de voltar ao movimento é nula, se combina com tantas outras substâncias que deixa de ser água ao sair do corpo. Na cozinha têm formas de escape dessa conduta ordenada; acumulada em um balde é jogada com certo furor em direção ao chão, geralmente de ladrilhos, material propício para a fuga e continuidade na cadeia aquífera ao se deparar com um ralo. Em compensação, a outra saída é a transformação dessa água em parte de algo que será ingerido e, mais uma vez, a possibilidade de voltar ao movimento é nula.

De uma ou duas portas; com freezer na parte de cima ou de baixo; embutida ou não; com ou sem filtro de água, dispensador de gelo, aviso de porta aberta, painel digital e modo férias; silenciosa ou barulhenta; branca, preta ou inox. Não importa qual combinação de características foi determinada pelos moradores da Casa, a geladeira nunca é somente dispositivo produtor de frio que se destina ao armazenamento e refrigeração dos alimentos.

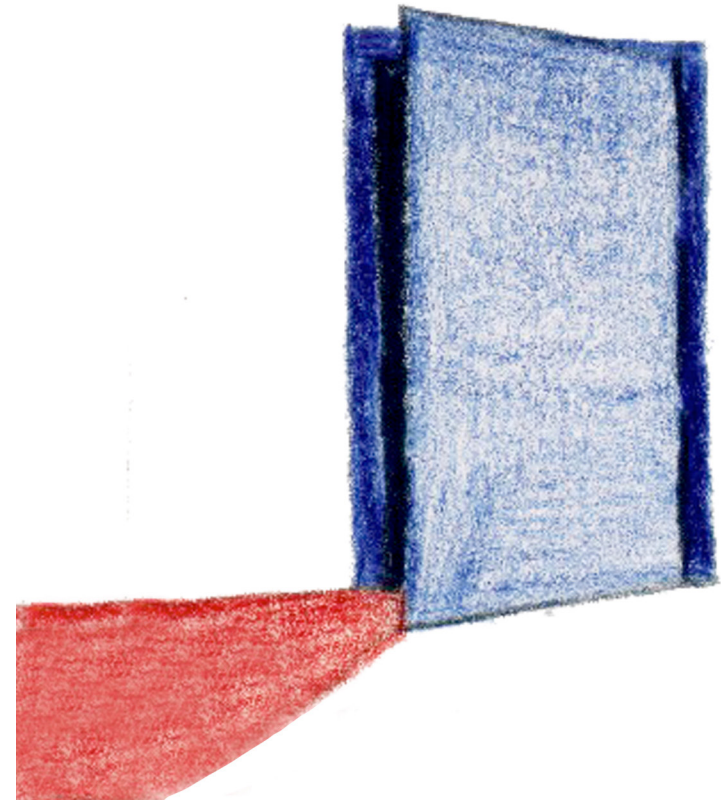
É também agenda, quando penduram nela o papel que comunica a data da próxima reunião do condomínio. É objeto inato de recordação, uma vez que algum conhecido viaja a Nova Iorque ou Porto de Galinhas e traz consigo um ímã temático de presente, que é imediatamente disposto ao lado de milhares de outros. Torna-se registro do tempo a cada novo mês que se inicia e se arranca uma folha do calendário magnético que veio de brinde junto com alguma compra. É lembrete, a partir do momento que colam nela o post-it com a lista do supermercado da semana ou o convite de aniversário da sobrinha, já que não se pode deixar esquecer de comprar o presente. Transforma-se em museu, quando se exibem desenhos e cartas dos filhos, ou as fotografias tiradas na última viagem. É ainda memória para aqueles que insistem em manter ali fixados os ímãs com os telefones do delivery da pizza, da farmácia e do botijão de gás.

Falha a de quem pouco - ou nunca - usufruiu das muitas utilidades do maior e legítimo porta-trecos da Casa.

Quase sempre excluída das outras partes da casa, a cozinha acaba por ter até a decoração renegada. Em datas especiais, todas as áreas comuns do ambiente doméstico ganham enfeites e brilhos. Páscoa, Natal e, inclusive, o Carnaval são responsáveis por trazer uma certa alegria ao lar, mas não a cozinha, área tão comum e até mais usada que as outras, que não ganha atenção especial em nenhum momento do ano. As cores que dominam os ambientes passam longe do lugar de cozinhar, como se a tendência de cor não existisse, pelo contrário, permanece, quase sempre, no monocromático branco e bege.

Toda ornamentação necessária para o bom uso da cozinha tem a mesma aparência e nenhuma personalidade. Fogão, geladeira, micro-ondas, torradeira, liquidificador, batedeira, espremedor, cafeteira, sanduicheira etc. são apenas alguns dos eletrodomésticos que chegam às casas com o mesmo visual independentemente da personalidade e do tipo de decoração dos proprietários, podendo até ser confundidos por todos aqueles que os possuem.

**ambiente de
transição**



Não é muito fácil ser transição de dentro para fora, existem lados positivos e negativos, mas não necessariamente um se sobrepõe ao outro.

Encontro-me nem dentro nem fora, mas entre. Entre o frio gelado do inverno e quem está tentando se aquecer; entre o calor infernal do verão e quem dava tudo apenas por uma brisa; entre a poluição das grandes cidades e o “ar puro” de dentro de casa; entre o perigo das ruas e a segurança do lar; entre os gritos e brigas domésticas e a liberdade das ruas.

Meu encargo se altera dependendo do lugar, em apartamentos, por exemplo, posso não ser trancada, mas venho acompanhada daqueles espaços sem uso, sem iluminação natural, onde a única saída é o elevador. Já nas casas, minha vista é limpa, muitas vezes meu olhar fica para a rua, ou para muros gigantescos, mas que, pelo menos, vêm acompanhados de lindos jardins.

Cumpro também a função de observador da vida alheia, e fico muito feliz quando tenho companhia, quando os vizinhos saem de suas casas e fazem observações sobre mim ou sobre aqueles que me habitam. Alegro-me em saber que fazem as mesmas análises que eu, mas, ao contrário de mim, têm com quem compartilhar. Minha parte preferida é fazer parte da busca pelo tempo, nunca sou consultada sobre a temperatura do dia, mas sou eu quem presencia todas as vezes que os residentes erram as roupas.

A correria dos que nunca foram perdidos mas também não encontrados começa agora; Presa em um daqueles jogos de gerenciamento de tempo, o relógio começa a contar quando faltam 10 minutos para se estar atrasada. Os objetos que geralmente estão dispostos sobre os móveis de casa, somem. As janelas se abrem em um movimento único, as almofadas despencam em direção ao chão. As roupas do varal clamam para serem dobradas, a louça se debate contra as quatro paredes de alumínio da cuba. As plantas adquirem instantaneamente uma aparência de segura e ódio, e as meias já saíram de casa há muito tempo. Nesse jogo a casa me domina, e tenho 10 minutos para reverter essa situação; ela quer que eu fique e eu não posso ficar. Perco todo meu senso de localização e poder diante do espaço, rodo de cômodo em cômodo procurando restos que me lembrem a direção de saída. O filtro secou e a água ficou para o caminho, oxalá que não chova porque o guarda chuva se camuflou com a parede no começo do jogo, teria que sair tateando todas as esquinas de casa. O relógio não pára e eu ainda não sei se vai esfriar ao pisar para fora.

Com os olhos incertos me posiciono no meio da sala e declaro o fim do tempo, não sei quem ganhou, o resultado se dará quando abrir a bolsa no meio da rua e me deparar com a falta de algo. Fecho a porta, o suspiro de alívio, tão potente, se engasga com a respiração. Não estou dentro nem fora, mas entre, encostada do lado de fora com os sapatos na mão e a máscara na outra. Os dez minutos já se acabaram a muito tempo, restou a projeção deles. Como deve ser bom ser casa, saber que está tudo aqui mas não precisar procurar nada.

A tarde se insinua com sua luz dourado-alaranjada por entre as frestas das cortinas pesadas que dão privacidade à sala da casa. Nesse momento crepuscular, há um movimento frenético de pessoas que se arrumam plenamente conscientes do fato de já estarem atrasadas para a miríade de compromissos, individuais, que têm naquela noite. Com a luz diurna devidamente extinta, os pais se despedem apressadamente de seus dois filhos, embarcam no carro e se vão. O filho mais velho é o terceiro a sair, tomando seu rumo pouco depois da saída dos pais, deixando o caçula sozinho naquela casa vazia que momentos antes zunia com atividade. Deixa-o suspenso naquele interstício momentâneo da transição de espaços. Do hall de entrada para o uber que acabara de chegar e, então, até seu destino, o novo apartamento de um casal de amigos em um condomínio de edifícios novos forma-se um túnel. Os espaços, todos privativos, se estendem uns nos outros construindo um contínuo que o leva de porta a porta da maneira mais asséptica possível. Diz-se asséptica porque nesse túnel de espaço tempo o corpo do transeunte não se encontra em nenhum lugar determinado, mas sim distanciado de toda e qualquer forma de interação com o meio pelo qual passa, protegido pelo carro ou pelas zonas de transição dos destinos. Estas zonas, também conhecidas como halls de entrada, por sua vez, não comportam grandes interações. Projetam eficazmente sua indiferença de não-lugar nos passantes. Nem dentro, nem fora, mas entre espaços ocupáveis, amortecem o contato do interior das casas e edifícios e, portanto, de seus moradores, com o repentino ou desagradável, que habita nas ruas e na cidade como um todo, filtrando para dentro apenas os

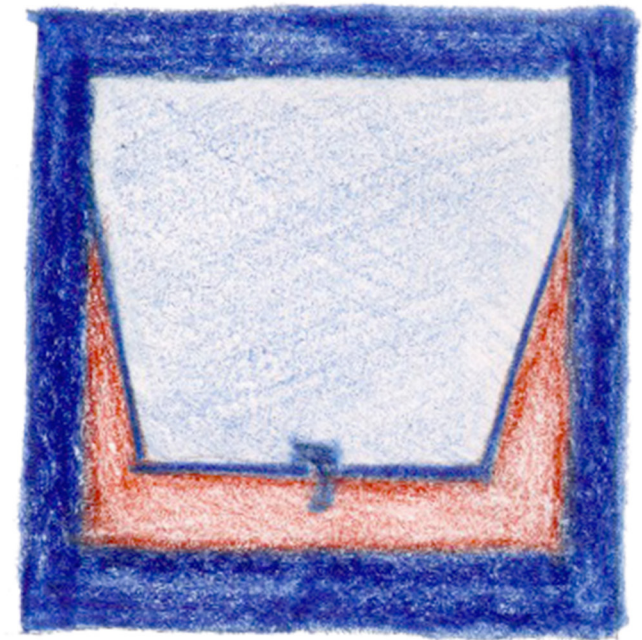
corpos desejáveis, encaminhando-os ao seu destino predeterminado. Nesse caso, o hall do edifício conduz a um segundo, o dos elevadores, outro não-lugar de espera a sua própria maneira. Enfim chega o elevador, então mais um hall entre apartamentos e, por fim, o derradeiro, aquele entre as zonas privativas e públicas daquele apartamento. O convidado é então conduzido para a esquerda do hall, sendo levado para uma outra sala de estar com pesadas cortinas, aqui abertas, deixando a tênue luz da lua entrar.

A fileira de sapatos ao lado da porta um dia foi discreta e sucinta - a seleção não passava dos três pares, um por morador da casa. Mas a urgência cada vez maior em se aprontar e sair depressa ou em chegar e despir-se da rua logo fez com que o conjunto fosse crescendo descontroladamente, de modo que tornou-se tarefa impossível contar os calçados sem se perder no cálculo.

Cada saída demanda uma busca e uma escolha: tudo depende do caráter e formalidade da ocasião, se chove ou se faz sol e se os indivíduos estão atrasados ou arrumam-se com calma. Quando calha de todos saírem sincronicamente - seja para o mesmo lugar ou não - a entrada da casa torna-se, por si só, uma reunião. Discutem se por acaso alguém viu a sandália azul petróleo que estava ali até ontem, amontoam-se enquanto aguardam alguém terminar de amarrar o cadarço do tênis, trombam-se na tentativa de revirar a pilha. “Você usa tanto esse sapato que ele vai sair por aí andando sozinho”, dizem. E pensa-se que é provável que tenha dias que ele de fato saí, afinal por vezes não há nada que faça os moradores encontrarem os pares certos. Nesse mesmo contexto, é regra que aquele que terminar de calçar-se primeiro é o responsável por destrancar a porta e chamar o elevador. Ele deve sempre se posicionar estrategicamente: nem dentro nem fora, mas entre. Entre a fila caótica de sapatos e o hall de entrada, segurando a porta atrás de si, no aguardo dos outros que, afobados, terminam de se arrumar.

Sair nunca é tarefa simples, principalmente quando os sapatos parecem não querer ir e não colaborar.

ambiente
externo



Morar no 17º andar, apesar do constante frio na barriga ao tentar mirar o chão da rua, tem suas vantagens: uma delas é conseguir alcançar, num esforço simultâneo, uma multiplicidade infindável de cenas e realidades. Não fosse pelo edifício que rasga todo o enquadramento, seria possível ter uma visão quase que completa, ampla e desobstruída daquilo tudo que toca à distância o batente da janela do meu quarto. Mas, também, se não fosse por esse mesmo edifício, eu não conseguiria observar a vida de ninguém com detalhes. Seria apenas uma paisagem majoritariamente estática, sem a curiosidade provocante da vida doméstica alheia vista de mais de perto.

Vivendo há 1 ano e meio numa pandemia, as cenas cotidianas dos outros tornaram-se quase minhas. No início, quando ficar em casa ainda era a realidade predominante da classe alta e média do meu bairro, logo que a noite caía, automaticamente as luzes de todos os apartamentos do prédio da frente se acendiam; fato significativo de que não tinha ninguém na rua e que a casa precisava ser iluminada. Me sentia contemplada naquele movimento de perceber a noite e ligar lâmpadas. Hoje, com a vida já retomando aquilo que se diz o normal, eu sou uma das poucas da vizinhança que ainda acende a luz às 18h.

Onde está o homem que iluminava a varanda para fazer exercício depois do trabalho? a família que ligava a luminária da sala de jantar para comer junto pontualmente às 19h? Os vários pontinhos de luz das janelas quadradas dos banheiros, que indicavam os banhos de fim da tarde?

Sei que, do lugar de onde eu olho, sobrei nessa atitude solitária. Mas será que as pessoas desse mesmo edifício que eu observo, ao lançarem também suas percepções em mim, pensam sobre o fato de que a luz do meu quarto está sempre acesa?

Minha janela não tem nada de especial. Da sua forma à vista que emoldura não há nada de inédito ou excessivamente pitoresco, nem mesmo algum tipo de movimento de passagem que não seja esporádico, rápido e/ou funcional. Daqui vejo o quintal excessivamente arborizado do vizinho lateral e, ao fundo, um dos pinheiros que emprestam seu nome ao condomínio, a Morada dos Pinheiros.

Não representados no momento temos os carros eventuais, as funcionárias domésticas em seu vai e vem diário e, em igual medida, os moradores, praticando alguma forma de exercício, seja próprio ou de seus cachorros. Note-se que não é um lugar onde pessoas habitualmente caminham para apreciar a paisagem ou as relíquias arquitetônicas dos anos noventa, em geral, se o fazem, é algo incidental à rotina diária de exercício. Percebem uma janela curiosa, ou um paisagismo duvidoso, enquanto lutam para manter o ritmo da passada e da respiração mas, raramente, saem para esses tours domésticos, já passado um tempo de sua mudança para o condomínio. Como marcador absoluto dessa falta de incentivo à locomoção não prática, grita a ausência de calçadas internas, falta justificada pela incorporadora em função do traçado jardinesco das ruas, naturalmente menos propenso à aceleração. Em tese.

Minha janela não tem nada de especial, em vista ou forma. É uma janela como tantas outras desses subúrbios tupiniquins, tem uma vista idêntica à tantas outras.

Existem algumas camadas para chegar à outra torre de apartamentos, essa é exatamente igual a primeira. Preliminar tem o vidro da janela, seguido diretamente pela própria janela de alumínio preta. Depois vem a redinha, muito útil para evitar a queda de crianças e pessoas em geral. Apenas cinco metros separam as torres, essa é a maior distância de todas, são cinco metros de ar. Chegando à outra, encontram-se as mesmas camadas posicionadas inversamente as primeiras. Começando pela redinha, seguido pela janela preta de alumínio e então o vidro.

Colocando assim, parece distante. De certa forma, está mesmo. O único visual é essa caixa de concreto semelhante, que abriga essas pessoas sem nome, sem altura, com um rosto que não se reconhece na rua, mas que, mesmo assim, dá para saber a hora que acorda, almoça e janta; quantas vezes vai aos banheiros e as posições favoritas para trabalhar; os passatempos online e físicos, como o cubo mágico que não sai do lado do computador.

Não dá para saber por que trabalham até tarde, ou por quê demoram para aparecer no final de semana. Talvez durmam até mais tarde, ou talvez saiam de casa só por não aguentar mais ficar nela. Realmente, passam muito tempo dentro de casa, pelo menos toda vez que a outra torre observa, vocês estão lá.

Escrevo hoje sob a companhia da luz que existe no meu quarteirão. Trata-se de um pedrinho terracota que existe exatamente em cima da padaria da esquina e que ainda é ornamentado com grades estilizadas de um período eclético. Tendo dois pavimentos e seis varandas espalhadas pela fachada da esquina, é curioso que apenas uma seja envidraçada, que em tantos anos sempre esteve fechada, e outra com rede para proteção de crianças - aliás crianças que nunca vi ali.

Imediatamente ao lado existe o pequeno cabeleireiro onde meu pai corta o cabelo há quase vinte anos. Ao lado a loja de doces que acabou de abrir mas que já enviou folhetos pelo bairro todo. Ambas pessoas que vejo na rua e reconheceria em qualquer lugar, diferente de meu vizinho da frente.

O predinho também é folhado com janelas e portas de dobradiças brancas. Essas, que dificilmente permitem que o olhar entre dentro do ambiente, torna minha observação ainda mais curiosa. As mesmas portas brancas aparecem na entrada principal do predinho um pouco à esquerda da porta da padaria imediatamente no meu campo de visão. Essa, também, nunca vi em uso.

Como nunca vi o rosto do meu vizinho, que pelo que parece é o único habitante do predinho, me resta imaginar o que ele faz com seu tempo no único cômodo que já o vi. Na segunda janela do primeiro piso, vejo nitidamente uma mesa quadrada envolta por uma toalha branca grande demais para sua dimensão. É aqui que observo meu vizinho, já senhor, quando acordo ou durmo de madrugada. As vezes só sentado com os braços estendidos sobre a mesa ou sentado logo na sua beirada e mexendo em algo na parede eu suponho, mas já não

faz mais parte do meu campo de visão. Me resta somente uma curiosidade tremenda de saber no que mexer nessa suposta parede...

Ao olhar para o exterior do ambiente doméstico, qual estou inserida, penso em que esfera ser doméstico faz parte de ser urbano? Quando caracterizamos algo como doméstico, esse doméstico está circunscrito a um ambiente fechado e estável. A presença de certos objetos não são por si “domésticos”, mas o ambiente em que se encontram fazem dele ter essa característica. Por exemplo, um travesseiro, quando visto em uso por uma pessoa em situação de rua não remete ao doméstico - ele está apenas exercendo sua função de apoio de cabeça - agora, um travesseiro que está sobre uma cama, dentro de um quarto - um ambiente fechado e estável - remete ao doméstico.

Penso que a existência do doméstico, ou o que entendemos por domesticidade, está inerente ao poder do indivíduo sobre determinado espaço. E assim estamos falando do doméstico também no sentido de domar, possuir, estar com; uma vez que uma pessoa detentora de uma casa ou um espaço seu traz para esse lugar certos itens, que irão a partir do momento em que estiverem posicionados, fazer parte desse ambiente e de uma escolha própria do indivíduo de tornar aquele lugar em algo, para além das paredes, janelas e portas - que isso por si só não é propriamente doméstico. Então, nesse sentido o doméstico se faz presente através de uma escolha em um ambiente dominado pelo indivíduo. Um espaço, sem a presença humana e conseqüentemente sem objetos, não é doméstico, é um espaço estático.

Da minha janela, há de um lado da rua uma pessoa dormindo nela, embalada em um cobertor térmico e algo para apoiar a cabeça. Do outro lado, alguns objetos pessoais de uma pessoa em situação de rua. Se o homem

dormindo e os objetos pessoais estivessem deslocados dessa situação em que se encontram, poderiam ser caracterizados como domésticos, mas como estão em um ambiente em que eles, indivíduos, não têm nenhum controle ou domínio sobre, não relacionamos com o doméstico, continuam na classificação de objetos sem sobrenome. A domesticidade seria, no meu entendimento, parte do que compreende o raio do indivíduo, seus poderes e escolhas em uma situação que se tem controle sobre o espaço. Pois tanto o conceito -domesticidade- quanto o ambiente doméstico surgiu a partir do encontro entre o homem + objeto + espaço, e a partir de escolhas em que o sujeito tem grande participação. O espaço doméstico e as representações acerca dela servem de base para possíveis leituras desse conjunto de relações entre a produção do espaço, a vida urbana, as atividades humanas e o desenvolvimento da identidade do indivíduo.

